

R1
57

Tombos 201651

OURO NO PARÁ e AMAPÁ
por
Xafi da Silva Jorge João



I/99
I/2004

OURO NO PARÁ E AMAPÁ

O ouro representa hoje no cenário nacional um bem mineral de forte influência na balança de pagamento e com forte respaldo de divisa nacional. Aliado ao fato - adicionalmente - de que é um capital de lastro da nação, torna-se indispensável um exercício de controle maior na produção desse metal nesta porção setentrional do território brasileiro. Estudos anteriores tem demonstrado a existência de fatores ou condicionamentos geológicos, permitindo a certeza de que a metalogenia aurífera constitui uma vocação mineral natural da Amazônia. Isto é justificado por dados de produção anual estimativas, no Estado do Pará e Território Federal do Amapá baseado no número de garimpos e produção mínima necessária para sobrevivência de cada um. Baseado nestes dados - pela ausência de informações oficiais - discriminamos abaixo, um número de 09 regiões ou províncias auríferas com seus respectivos dados de produção no Pará e Amapá:

- 1 - Província Aurífera do Tapajós = 20 ton/ano
- 2 - Província Aurífera do Gurupi = 05 ton/ano
- 3 - Região Aurífera do Xingú = 05 ton/ano
- 4 - Região Aurífera do Lourenço = 01 ton/ano
- 5 - Província Aurífera Paru-Jari = 01 ton/ano
- 6 - Província Aurífera Juruena Teles Pires = 06 ton/ano
- 7 - Região Aurífera Três Palmeiras
- 8 - Região Aurífera Rio da Ponte
- 9 - Região Aurífera do Cacipore
- 10 - Diversos

TIPOS DE JAZIMENTOS - Metalogenia:

Nas regiões ou províncias auríferas como discriminadas anteriormente, o ouro tem sua forma de ocorrência, primariamente ou por concentração mecânica eluvio-aluvionar. As mais significativas mineralizações - a exceção da Província Aurífera do Tapajós - estão as

2

sociadas a uma sequência epi-mesometamorfitos arqueanos, "do tipo "Greenstones belts", algumas das quais com relativo grau de detalhe geológico.

PROVINCIA AURÍFERA DO TAPAJÓS
(já minutada pela SUREG-MA)

PROVINCIA AURÍFERA DO GURUPI

A mineralização aurífera está intimamente associada a uma sequência de existo ortometamorfico episonais particularmente nos locais de ocorrência da associação actinolitaxisto - quartzito como exemplificado na região da bacia do médio curso do rio Gurupi com destaque para as áreas garimpeiras do chega tudo e O Montes Áureos. A mineração Arapiranga do Grupo BADAN, tem sua atuação na área com projeto de pesquisa financiado pela CPRM, momentaneamente apresentando alguns resultados interessantes, possibilitando a identificação de um guia prospectavel para ouro na aceitação de um modelo genético. Assim, é altamente convincente-baseado em vários critérios geológicos - que a metalogenia aurífera da região do Gurupi esta relacionada a sequências do tipo "greenstone belt" arqueano formalmente designada, até então, de Grupo Gurupi, em que o metal tem sua concentração econômica nos quartzitos metassomáticos, derivados da sequência máfica-ultramáfica subjacente por busca diferenciação ou desenvolvida durante a granitização regional Maracaçumé e/ou manifestação magnética - Tromai. Tal "quartzificação" das rochas máficas propiciou uma remobilização sílico - aurífera cujas soluções teriam migrado para zonas de maior alínio, principalmente fraturas cruzadas, e re depositadas sob a forma de veios com aspecto intrusivo nas camadas sobrepostas. Isto é facilmente observado na região do Gurupi, particularmente em Montes Aureosee Chega-Tudo. Esta remobilização teria extraído o ouro das rochas máficas em níveis de ppb e concentrado na fração silicosa a níveis de ppm.

PROVINCIA AURÍFERA PARU-JARI

Compreende uma típica sequência "Greenstone belt" cuja maior incidência aurífera - com base nos garimpos existentes - localiza-se na região interfluvial Paru-Ipitinga, onde se desenvolve o Projeto Uirapuru e na região do rio Carecuru. Um relativo espesso pacote de rochas verdes do tipo actinolitaxistos e antofilitaxistos associados é subjacente a uma camada de quartzito ferífero, com evoluções localizadas a "iron formation". A este pacote, designou-se formalmente de "Suite" Metamórfica Vila Nova (Jorge João et alii, 1978), caracterizando-a como um "Greenstone belt" com base em critério morfológicos, estratigráficos, litoestruturais, geoquímicos, metalogénéticos, grau de metamorfismo e de posicionamento geotectónico. Uma marcante transição litológica é observada entre os denominados anfibolito e Quartzito Fé em Deus em que esta unidade é derivada daquela por um processo de "quartzificação metassomática" à semelhança do ocorrente na província aurífera do Gurupi. No domínio Paru-Ipitinga, o ouro está intimamente relacionado - em termos genéticos aos anfibolitos epizonais cuja maior concentração se verifica na interface horizonte C - "bedrock" como mostrado na figura Na área trabalhada pelo Projeto Uirapuru, a capa quartzítica varia de muito delgada a inexistente, não possibilitando, localmente, a identificação de uma concentração econômica nos quartzitos. Em contrapartida, na região do rio Carecuru, o ouro está dissimulado nos quartzitos e "veios" de quartzo que constituam a carapaça silicificada de rochas verdes sotopostas.

PROVINCIA AURÍFERA JURUENA-TELES PIRES

Parece constituir uma extensão da província do Tapajós a julgar pela geologia local e condicionamento geológico da mineralização. As áreas garimpeiras são localizadas em litologias componentes da "Suite" Metamórfica Cuiú-Cuiú com maior incidência de encraves anfibolíticos. Estes são mesoremanescentes de uma pretérita sequência do tipo "Greenstone belt", intensamente fragmentada e digerida du

rante a granito-migmatização Cuiú-Cuiú. Não se descarta a possibilidade da hipótese do "ouro emprestado" sob a influência dos vulcano-plutonitos Uatumã. Na região interfluvial Juruena-Teles Pires desenvolveu-se os trabalhos dos Projetos Apiaçás e São Manuel que tem demonstrado a positiva significância econômica aurífera com produção estimada em 6 ton/ano. De um modo geral, esta província - em termos metalogenéticos - conserva - por extensão - similaridades com a província do Tapajós e considerações outras realizadas pela SUREG-MA - devem ser extrapoladas.

REGIÃO AURÍFERA RIO DA PONTE:

Compreende a região da Serra da Tocandera na encosta drenada pelo rio da Ponte, afluente da margem direita do rio Fresco, que é por sua vez um dos grandes formadores, pela margem direita, do rio Xingu. A região abrange essencialmente o grupo Tocandera, ao qual atribui-se uma idade Arqueana, caracterizado litologicamente por quartzitos evoluídos a "tron formation", com conspícuo mineralização aurífera e outras feições maiores que permitem supor para a unidade Tocandera um cinturão de rochas verdes ("Greenstone belt"), similar aos existentes em outros "Cratons". A metalogenia aurífera do grupo Tocandera - que mantém continuidade física e similaridades leitoestruturais, com o grupo Grão Pará da Serra dos Carajás - é semelhante a existente na serra das Andorinhas, da qual dista cerca de 120km e que constitui a região aurífera do rio Maria. Os trabalhos, de campo realizados pelo Projeto Xingu-Araguaia em 1975, revelaram, a existência de ouro, em amostras de concentrado de bateia, coletados na bacia do rio da Ponte, o qual aliado ao fato, de um condicionamento geológico, com metaloteto litológico (grupo Tocandera), justifica uma ação prospectiva e inserção no leque de opções para a busca desse metal. Esclarece-se, por tratar-se de uma região ainda virgem da atividade garimpeira, inexistem dados de produção de ouro.

O conhecimento geológico da área é ainda superficial, dificultando emitir hipóteses sobre a origem do metal, rocha hospedeira teores, forma e dimensões do corpo mineralizado. Acredita-se, entre

tanto - com base na geologia regional - que o ouro estaria relacionado, geneticamente, ao magmatismo básico Arqueano, metamorfozizado em fácies Xisto verde e transformados à actinolitaxistos e anfibolitos da base da unidade Tocandera. A mineralização aurífera estaria no contato dos xistos máficos com os granitos e/ou quartzitos, sobrepostos e/ou intercalados aos anfibolitos. Esse tipo de jazimento encontram um correlativo na Serra do Ipitinga, parte integrante da Província Aurífera Paru-Jari, em que o ouro parece manter uma intimidade espacial com a formação ferrífera. Esse fato deve-se provavelmente à natureza siderófila do ferro e do ouro, possibilitando uma migração conjunta no ciclo geoquímico, com comportamento semelhante, em determinadas condições fisicoquímicas, acarretando a acumulação de ambos.